

Uma Análise Quantitativa da Interpretação das Expressões de Incerteza Presentes nos Pronunciamentos Técnicos do CPC sobre Instrumentos Financeiros

Resumo

As expressões de incerteza presentes tanto nas normas internacionais de contabilidade quanto nos Pronunciamentos Técnicos emitidos pelo CPC (Comitê de Pronunciamentos Contábeis) podem proporcionar diferentes formas de interpretação a uma mesma norma de contabilidade (SALLEH *et al.*, 2011), e isso pode ser, inclusive, um fator de impacto na comparabilidade de relatórios financeiros emitidos pelas empresas. Neste contexto foi desenvolvido este trabalho, que apresentou como objetivo geral analisar se as expressões de incerteza presentes nos Pronunciamentos do CPC apresentariam diferentes formas de interpretação entre os usuários de tais pronunciamentos. A amostra analisada foi composta por 135 questionários respondidos, que foram aplicados a alunos dos cinco últimos períodos (semestrais) do curso noturno de Ciências Contábeis de uma Universidade Pública situada em Minas Gerais. Com base nos testes realizados, os resultados obtidos indicaram diferenças estatisticamente significativas na interpretação das expressões analisadas. De forma geral, alunos que não usam os pronunciamentos do CPC no seu cotidiano, que possuem pouca familiaridade com tais pronunciamentos e que não cursaram a disciplina de contabilidade internacional tenderam a atribuir menores probabilidades de ocorrência às três expressões de incerteza analisadas.

Palavras-Chave: Instrumentos Financeiros; Expressões de Incerteza; CPC.

1. Introdução

O principal objetivo da contabilidade pode ser definido como o de gerar informações úteis sobre o patrimônio, o resultado e a situação financeira da empresa, para que seus usuários possam tomar decisões, sejam eles internos ou externos (IUDÍCIBUS, MARTINS e GELBCKE, 2007). Os relatórios fornecidos aos usuários externos, como os investidores, devem conter informações que permitam, pelo menos, “uma comparabilidade período a período e também de empresa para empresa” para que as decisões de investimento e fornecimento de crédito sejam feitas com maior fundamento (HERNANDEZ, 2003, p. 784). Com isso, as demonstrações contábeis para os usuários externos passam a depender de um conjunto de normas que norteiam a sua elaboração.

Sabe-se que diferentes países ainda possuem diferentes normas de contabilidade, conforme resultados mostrados por pesquisadores como Haverty (2006), Costa e Lopes (2007) e Lemes e Carvalho (2009). Em razão de diferentes normas de contabilidade às quais os relatórios contábeis estão sujeitos, “o lucro (ou prejuízo) da empresa acaba sendo definido não pelas operações e decisões da empresa, mas pelo local em que ela está estabelecida ou para o país para o qual as demonstrações são remetidas” (LEMES e CARVALHO, 2004, p.14-15). Tome-se o caso da empresa Brasil Telecomunicações S.A. que, em 2005, apresentou um prejuízo de mais de R\$300.000 mil segundo as normas brasileiras, e um lucro de mais de R\$150.000 mil segundo as normas norte-americanas (BRASIL TELECOMUNICAÇÕES, 2006, p. 83), o que indica que as diferenças entre normas de contabilidade, para diferentes países, podem provocar diferenças significativas entre os valores reportados pela mesma empresa.

Tem-se então a relevância da convergência das normas de contabilidade para um conjunto comum, permitindo que os resultados apurados pelas empresas sejam comparáveis, independente da localidade em que elas se situem ou do mercado de capitais no qual elas estejam listadas (CARVALHO, LEMES e COSTA, 2006). O Brasil encontra-se neste processo de convergência, buscando o alinhamento de suas normas com aquelas emitidas pelo IASB (*International Accounting Standards Board*). O objetivo do citado órgão internacional é “prover a interação dos mercados de capitais de todo o mundo com uma linguagem comum para relatórios financeiros” (IASB, 2008, p. 1). No Brasil, o órgão responsável pela emissão de pronunciamentos alinhados com as normas do IASB é o CPC (Comitê de Pronunciamentos Contábeis), criado em 2005, que tem por objetivo “o estudo, o preparo e a emissão de Pronunciamentos Técnicos sobre procedimentos de Contabilidade [...], levando sempre em conta a convergência da Contabilidade Brasileira aos padrões internacionais” (CPC, 2011a). Um outro indicativo dessas medidas para a convergência, inclusive, pode ser consultado junto ao Memorando de Entendimentos (IASB/CFC/CPC, 2010) entre o IASB, o CFC (Conselho Federal de Contabilidade) e o CPC (Comitê de Pronunciamentos Contábeis).

Apesar dos benefícios relacionados com a convergência das normas de contabilidade, Salleh *et al.* (2011, p.801) destacam que “o uso de uma linguagem comum não assegura consistência na interpretação, que pode ser afetada por diferenças culturais”. Ou seja, mesmo que as empresas sigam normas similares para elaboração dos relatórios contábeis, ainda existe a possibilidade de serem reportadas situações diferentes, em razão de diferentes formas de interpretação da norma. Essas diferentes formas de interpretação podem ser geradas em razão das expressões de incerteza, pois, conforme Douppnik e Richter (2003, p.15), normas de contabilidade para a elaboração das demonstrações “envolvem expressões de incerteza no estabelecimento de critérios para o reconhecimento, mensuração ou evidenciação de itens” e, ambos contadores e auditores, necessitam atribuir um significado a tais expressões.

Tal como as normas do IASB apresentam expressões de incerteza, que já renderam diferentes tipos de pesquisas (DOUPNIK e RICCIO, 2006; ALMEIDA *et. al.*, 2008), os pronunciamentos emitidos pelo CPC também apresentam tais tipos de expressões; contudo em um estado da arte sobre o assunto no Brasil, envolvendo os principais congressos e periódicos, não se encontrou algum trabalho sobre as expressões de incerteza dos pronunciamentos do CPC e sua interpretação pelos profissionais.

Considerando o contexto de convergência contábil no qual o Brasil se situa, e o papel dos pronunciamentos contábeis emitidos pelo CPC nesse ambiente, este trabalho se propõe a analisar se as expressões de incerteza presentes nos Pronunciamentos Técnicos emitidos pelo CPC apresentariam diferentes formas de interpretação entre diferentes tipos de usuários. Para tanto, foi elaborado um questionário, baseado no estudo de Douppnik e Riccio (2006), e que permitiu a atribuição de percentuais de probabilidade às expressões de incerteza presentes nos pronunciamentos e a posterior comparação entre tais percentuais. O questionário foi aplicado a um grupo de alunos do Curso de Graduação em Ciências Contábeis de uma Universidade Pública, situada em Minas Gerais, tendo por base que tais alunos serão os futuros profissionais que interpretarão os pronunciamentos emitidos pelo CPC para o desenvolvimento de seu trabalho.

Como não seria possível neste trabalho analisar as expressões de todos os pronunciamentos do CPC, foi necessária a seleção de alguns deles para o desenvolvimento da pesquisa. Levando-se em conta que operações com instrumentos financeiros têm o potencial de provocar sérios prejuízos financeiros às empresas (AGUIAR; HIRANO, 2003; HERNANDEZ, 2003), foram escolhidos para análise os três pronunciamentos que tratam

sobre operações com estes tipos de instrumentos, sendo eles: CPC-38, CPC-39 e CPC-40, que se referem, respectivamente, ao Reconhecimento e Mensuração, à Apresentação e à Evidenciação de Instrumentos Financeiros (CPC, 2011b). Estes pronunciamentos substituem o CPC-14: Instrumentos Financeiros: Reconhecimento, Mensuração e Evidenciação. A consulta a algumas reportagens do Jornal Valor Econômico também mostra a relevância dessas operações e aos significativos impactos que elas podem gerar no resultado das empresas, conforme foi o caso da Metlife, em que seu “resultado foi prejudicado por perdas financeiras, incluindo aí US\$ 1 bilhão em operações de derivativos” (VALOR ON-LINE, 2011b), e as perdas financeiras com derivativos experimentadas pela Sadia, sendo que seus “prejuízos resultaram na venda da companhia para a Perdigão, formando a Brasil Foods” (VALOR ON-LINE, 2011a).

A seção de Aspectos Metodológicos apresenta maiores detalhes sobre a aplicação do questionário e também sobre a seleção das expressões de incerteza que foram analisadas, bem como os procedimentos quantitativos aplicados na análise.

A convergência contábil a nível brasileiro se mostra relevante quando se observam órgãos regulamentadores como a CVM (em conjunto com o IBRACON - Instituto Brasileiro dos Auditores Independentes), o BACEN e a SUSEP emitindo pronunciamentos, comunicados, circulares, trazendo em seu corpo que a sua emissão se deve à necessidade de convergência das normas contábeis brasileiras com as normas emitidas pelo IASB (ver, por exemplo: CVM, 2007; SUSEP, 2007; BACEN, 2008). Além da relevância, esse fato mostra a atualidade do tema. A própria academia já move esforços para disseminar as alterações que são provenientes da convergência das normas contábeis, como palestras virtuais, realização de fóruns de discussão etc. (para maiores detalhes sobre esses esforços, consultar, por exemplo: CFC/FIPECAFI, 2008).

Além disso, a pesquisa sobre expressões de incerteza se mostra relevante por sistematizar uma análise sobre as diferenças de interpretações, no contexto de normas emitidas para as empresas brasileiras, tendo em vista que as pesquisas desenvolvidas até o momento não se relacionam especificamente com os pronunciamentos do CPC, mas com normas internacionais (por exemplo: ALMEIDA *et al.*, 2008) ou estrangeiras, como as normas norte-americanas (exemplo: SCHULTZ e RECHERS, 1981; DU e STEVENS, 2011).

2. Referencial Teórico

As necessidades de convergência das normas contábeis para um conjunto comum já foram assunto de diferentes trabalhos, abordando, por exemplo, diferenças entre as normas contábeis entre países distintos, tendo-se exemplos como: i) Costa e Lopes (2007), estudando a significância dos ajustes que as empresas devem providenciar em seus relatórios no padrão BRGAAP para se mostrarem adequados ao padrão USGAAP; e ii) as diferenças apresentadas nos valores de contas patrimoniais, em virtude de aplicação de normas de países diferentes (ver: LEMES e CARVALHO, 2004; HAVERTY, 2006; SANTOS, CIA e CIA, 2007; LEMES, CARVALHO e OLIVEIRA-LOPES, 2007).

Uma das vantagens relacionadas com a convergência das normas de contabilidade está relacionada com a mobilidade internacional de capitais, pois, conforme Young e Guenter (2003, p. 554), “uma barreira potencial para a mobilidade internacional de capitais é a diferença entre investidores domésticos e estrangeiros nos custos para tornarem-se informados”. Com normas de contabilidade diferentes em nível de detalhamento de

operações, como ocorre quando se comparam as normas brasileiras com as norte-americanas (ver, por exemplo: DARÓS, BORBA e ABREU, 2005), o custo adicional para que os investidores façam investimentos em outros mercados de capitais pode ser um fator desmotivador. Conforme destaca Lakshmi (2010), para várias economias emergentes, a presença de investidores estrangeiros preenche uma lacuna que existe entre as necessidades de investimentos e a disponibilidade de recursos domésticos para investir. A existência de normas similares para a análise de investimentos em diferentes países poderia ser então um facilitador do fluxo de investimentos entre diferentes países.

Contudo, conforme já citado, existem alguns fatores que podem ser tidos como potenciais barreiras à convergência, sendo um deles relacionado com as expressões de incerteza. Harzer (2006), em seu estudo sobre os fatores que contribuem para que a contabilidade de um determinado país diferencie-se da dos demais, destacou a utilização de conceitos e nomenclaturas divergentes para o registro do mesmo fato. O autor observou também o surgimento de inúmeras expressões contábeis que não traduzem com fidelidade a essência dos acontecimentos, e que, às vezes, podem ser revestidas de subjetividade diante das grandes opções que as diferentes normas contábeis ao redor do mundo oferecem. O Quadro 1, a seguir, apresenta exemplos de expressões de incerteza analisadas anteriormente.

Autor(es)	Expressões
Doupnik e Riccio (2006)	<i>Virtually Certain; Reasonable Assurance; Assurance; Expected; Reasonably Likely; Probable; Unlikely;</i> dentre outras.
Doupnik e Richter (2003)	Usadas em inglês no estudo: <i>Probable; Reasonable Assurance; Reasonable Certainty; No Longer Probable; Remote.</i> Usadas em português no estudo: Provável; Razoável Segurança; Razoável Certeza; Não Seja Provável; Remoto/Remota.
Chand (2011)	<i>Probable; Assumed Beyond any Reasonable Doubt; Reasonably Certain; Expected; Insignificant; Remote; Deemed;</i> dentre outras.

Quadro 1: Expressões de Incerteza Utilizadas em Estudos Anteriores

Conforme pode-se perceber com o conteúdo apresentado no Quadro 1, há algumas expressões de incerteza comuns nos estudos, como provável e remoto. Davidson e Chrisman (1994), por exemplo, analisaram as expressões de incerteza relacionadas às normas de contabilidade e auditoria do Canadá, levando em consideração uma amostra composta por dois grupos que, apesar de possuírem idiomas diferentes (inglês e francês), pertencem ao mesmo país (no caso, o Canadá). Os principais resultados apontaram que as probabilidades médias atribuídas às expressões não foram similares entre os dois grupos e ainda que estas diferenças não parecem ter sido decorrentes das características dos sujeitos da amostra.

Em um estudo desenvolvido no Brasil, porém com expressões extraídas das Normas Internacionais de Contabilidade, Almeida *et al.* (2008) constataram que expressões como *reasonable assurance*, *seriously in question* e *virtually certain* apresentaram diferenças estatisticamente significativas na percepção por parte da amostra analisada, que englobou responsáveis pela contabilidade de bancos, responsáveis pela contabilidade de empresas brasileiras que emitem ADR (*American Depositary Receipts*) e alunos do Programa de Pós-Graduação em Ciências Contábeis da FEA/USP.

Os Pronunciamentos Técnicos emitidos pelo CPC também possuem expressões de incerteza, e pela pesquisa em anais de congressos e periódicos brasileiros, não se identificou

algum estudo ainda com a característica proposta neste trabalho. A seguir apresenta-se um exemplo de expressão de incerteza presentes em um dos pronunciamentos do CPC.

A menos que a entidade cumpra o item 41, ela deve divulgar: (a) uma análise de sensibilidade para cada tipo de risco de mercado aos quais a entidade está exposta ao fim do período contábil, mostrando como o resultado e o patrimônio líquido seriam afetados pelas mudanças no risco relevante variável que sejam **razoavelmente possíveis** naquela data (CPC 40, 2009, item 40, grifo nosso).

A interpretação de uma mudança razoavelmente possível no risco variável pode ser um fator que, para profissionais mais conservadores, esteja associado a um determinado nível de probabilidade que seria diferente daquele nível de probabilidade atribuído por profissionais menos conservadores. Essa diferença de probabilidades atribuídas à mesma expressão, nesse caso, poderia impactar o nível de evidenciação fornecido pela entidade no que se refere às suas operações com instrumentos financeiros (pois se refere ao CPC 40), o que consequentemente impactaria a informação a ser disponibilizada aos usuários externos da entidade. Como outro exemplo, tem-se a expressão “provável”, apresentada a seguir.

A evidência objetiva de que um ativo financeiro ou um grupo de ativos tem perda no valor recuperável inclui dados observáveis que chamam a atenção do detentor do ativo a respeito dos seguintes eventos de perda: [...] (d) torna-se **provável** que o devedor vá entrar em processo de falência ou outra reorganização financeira (CPC 38, 2009, item 59, grifo nosso).

Vale destacar que a expressão provável, de acordo com Teixeira e Silva (2009), corresponde à expressão de incerteza que é mais freqüente nas normas do IASB. Como evidência de um estudo anterior sobre o assunto, Douplik e Riccio (2006), comparando uma amostra entre contadores brasileiros e norte-americanos, constataram que a atribuição de um percentual de probabilidade à expressão *probable* foi estatisticamente diferente entre os dois grupos (destaca-se que, para os contadores brasileiros pertencentes à amostra, foi utilizado o termo traduzido: provável). Os testes utilizados pelos autores envolveram a análise multivariada com a MANOVA (*Multivariate Analysis of Variance*) e a bivariada, por meio da ANOVA (*Analysis of Variance*). Isso leva a questionar se entre os contadores brasileiros também haveria diferenças entre os percentuais de probabilidade atribuídos a essas expressões, sendo esta a lacuna que se procura preencher com a realização deste trabalho.

3. Aspectos Metodológicos

O objetivo principal deste trabalho foi analisar se as expressões de incerteza presentes nos Pronunciamentos Técnicos emitidos pelo CPC apresentariam diferentes formas de interpretação entre os diferentes tipos de usuários de tais pronunciamentos. Como objetivos específicos, foram desenvolvidos os seguintes: i) seleção dos pronunciamentos do CPC que seriam alvo de análise; ii) seleção das expressões de incerteza a serem analisadas; iii) criação de um questionário para quantificar a probabilidade atribuída às expressões de incerteza; iv) aplicação do questionário a um grupo de alunos do curso de Ciências Contábeis; e v) análise estatística dos resultados obtidos.

Conforme destacado na introdução deste trabalho, os pronunciamentos do CPC escolhidos para análise se referem àqueles sobre a contabilização de operações com instrumentos financeiros, observando-se os sérios prejuízos que tais operações podem proporcionar às empresas (AGUIAR e HIRANO, 2003; HERNANDEZ, 2003; VALOR ON-LINE, 2011a; VALOR ON-LINE, 2011b). Os pronunciamentos do CPC selecionados para o trabalho foram: CPC-38 (Instrumentos Financeiros: Reconhecimento e Mensuração), CPC-39

(Instrumentos Financeiros: Apresentação) e CPC 40 (Instrumentos Financeiros: Evidenciação).

Com base nas expressões de incerteza presentes nas normas internacionais, analisadas em estudos anteriores (como aquelas citadas no Quadro 1), foram verificadas: i) as que seriam mais frequentes nos três pronunciamentos a serem analisados neste trabalho; ii) aquelas expressões que estariam presentes em frases que pudessem ser transcritas (ou parafraseadas) em um questionário; e também iii) aquelas que impactariam o resultado. Assim, as expressões selecionadas foram: Provável e Altamente Provável, avaliadas de acordo com o que é apresentado no Quadro 2, a seguir.

<p>Considera-se como parte das evidências de que um ativo financeiro tenha perda no valor recuperável quando [...] torna-se provável que o devedor vá entrar em processo de falência.</p> <p>Neste contexto, na sua opinião, "provável" corresponde a uma probabilidade aproximada de qual percentual?</p>	<input style="width: 100px; height: 20px;" type="text"/> %
<p>Um objeto de <i>hedge</i> pode ser um ativo ou passivo reconhecido, um compromisso firme não reconhecido, uma transação prevista altamente provável ou um investimento líquido em operação no exterior.</p> <p>Neste contexto, na sua opinião, "altamente provável" corresponde a uma probabilidade aproximada de qual percentual?</p>	<input style="width: 100px; height: 20px;" type="text"/> %
<p>Para <i>hedges</i> de fluxo de caixa, a entidade deve divulgar [...] o montante que tenha sido removido do patrimônio líquido durante o período e incluído no custo inicial ou outro valor contábil de ativo não financeiro ou passivo não financeiro cuja aquisição ou incorrência tenha sido um <i>hedge</i> de operação prevista e altamente provável.</p> <p>Neste contexto, na sua opinião, "altamente provável" corresponde a uma probabilidade aproximada de qual percentual?</p>	<input style="width: 100px; height: 20px;" type="text"/> %

Quadro 2: Expressões de Incerteza e Contextos Analisados

Conforme mostra o Quadro 2, foi solicitado que os respondentes atribuíssem, em sua opinião, a escala de probabilidade (em percentual) de ocorrência que melhor correspondesse a cada uma das expressões destacadas. Foram feitos testes iniciais para verificar se o texto das questões permitiria que os respondentes atribuíssem às expressões alguma probabilidade e, quando necessário, ajustes no questionário foram realizados, sendo o conteúdo apresentado no Quadro 2 referente à versão final das questões.

Destaca-se que foi necessário também a seleção de algum critério para comparação de diferenças na interpretação das expressões. Neste trabalho, foram utilizadas as quatro seguintes variáveis para segregação na análise: i) principal área de interesse para atuação (Auditoria; Tributária; Controladoria; Contabilidade Societária; ou Outra); ii) grau de familiaridade com os Pronunciamentos emitidos pelo CPC (muito familiar; familiar; pouco familiar; ou não familiar); iii) intensidade de utilização dos Pronunciamentos emitidos pelo CPC em seu cotidiano (frequentemente; às vezes; ou não utilizo); e iv) aproveitamento da disciplina de contabilidade internacional para a vida acadêmica e profissional (regular; bom; muito bom; ótimo; ou não cursei). Foi feito um novo pré-teste com esse questionário em uma

amostra de 22 alunos, e os resultados e comentários realizados após a aplicação do questionário mostraram que ele poderia ser utilizado para que pudesse ser dado prosseguimento à pesquisa.

Os questionários foram então aplicados a um grupo de alunos do curso noturno de Ciências Contábeis de uma Universidade Pública situada no Estado de Minas Gerais. O prazo para conclusão do curso nesta universidade é de 5 anos, divididos em 10 semestres. Os alunos cursam a disciplina de contabilidade internacional no 6º período, período a partir do qual a pesquisa foi realizada (ou seja, foram analisados 5 períodos, sendo o 6º, 7º, 8º, 9º e 10º). Contudo, destaca-se que os alunos do 10º período, por fazerem parte do currículo antigo da universidade, não cursaram a disciplina de contabilidade internacional no 6º período.

Para a aplicação dos questionários, as salas de aula foram visitadas pessoalmente pelos pesquisadores, mediante contato prévio com o professor da disciplina (para identificar o melhor horário para aplicação dos questionários em cada sala). Inicialmente, foi explicado o objetivo da pesquisa e, em seguida, o questionário impresso foi distribuído aos discentes, sendo recolhido em seguida, após ser respondido. Destacou-se que a participação na pesquisa era facultativa e observou-se que, em média, apenas 5% dos questionários, por período, não foram devolvidos para os pesquisadores ou foram devolvidos em branco. Os dados foram coletados no decorrer dos meses de Abril e Maio de 2011.

Os testes de hipóteses utilizados neste trabalho consistiram na comparação de médias para os grupos estudados. Ou seja, verificou-se se existiam diferenças estatisticamente significantes entre as probabilidades médias atribuídas de acordo com os critérios de agrupamento utilizados, que foram, conforme já citado: i) principal área de interesse para atuação; ii) grau de familiaridade com os Pronunciamentos emitidos pelo CPC; iii) intensidade de utilização dos Pronunciamentos emitidos pelo CPC em seu cotidiano; e iv) aproveitamento na disciplina de contabilidade internacional.

A Hipótese Nula (H_0) para cada um dos testes realizados foi a seguinte: a probabilidade média atribuída à expressão analisada não possui diferença estatisticamente significativa entre os grupos de respondentes analisados. A Hipótese Alternativa (H_1) é de que a diferença entre as médias, para os diferentes grupos, é estatisticamente significativa (em outras palavras, diferentes grupos atribuem probabilidades estatisticamente diferentes à expressão analisada). As ferramentas estatísticas utilizadas para a realização dos testes foram duas, sendo uma paramétrica e outra não paramétrica, para evitar algum viés na análise de dados não paramétricos com testes paramétricos.

O teste paramétrico utilizado foi a comparação de médias por meio da Análise da Variância (ANOVA), que é um teste paramétrico e, para Anderson, Sweeney e Williams (2007, p.373), este “procedimento estatístico pode ser usado para determinar se as diferenças observadas nas médias amostrais são suficientemente grandes para que se rejeite H_0 ”. A contrapartida não paramétrica utilizada foi o Teste de Kruskal-Wallis que, segundo Webster (2006, p.497), funciona como uma contrapartida não paramétrica para o delineamento usado na ANOVA; ele também . O Teste Kruskal-Wallis também pode ser interpretado como uma extensão do teste Mann-Whitney U quando se deseja comparar duas ou mais populações.

4. Resultados

A Tabela 1, apresentada a seguir, resume os dados relativos à amostra da pesquisa, com uma estatística descritiva de tais variáveis.

Tabela 1: Estatística Descritiva das Variáveis do Estudo

Variável	N	Missing Values	Máximo	Mínimo	Média	Desv. Pad.
Provável	131	4	100,000	0,000	68,747	21,488
Altamente Provável 01	130	5	100,000	10,000	80,784	19,517
Altamente Provável 02	128	7	100,000	5,000	80,554	19,585
Área de Interesse	132	3	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.
Familiarid. CPC	134	1	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.
Uso dos Pron. CPC	133	2	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.
Aproveitam. Contab. Intern.	135	0	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.

Notas: n.a. = não aplicável, em razão das respectivas variáveis não serem escalares.

Conforme mostra a Tabela 1, houve o valor de 0% atribuído à expressão “provável”. Observou-se na base de dados que dois respondentes atribuíram 0% à citada expressão, e os mesmos dois respondentes atribuíram 50% para as duas respectivas expressões “altamente provável”. Decidiu-se então por não fazer algum ajuste nessa probabilidade de 0%, para manter a característica original da base de dados analisada. Pode-se perceber que a amostra analisada foi de 135 respondentes e, em razão da ocorrência de alguns *missing values*, as observações foram sensivelmente reduzidas para algumas variáveis.

A Tabela 1 aponta que, em média, a probabilidade de ocorrência que os respondentes atribuíram à expressão “provável” foi inferior às atribuídas às duas expressões “altamente provável” e, além disso, as médias atribuídas às expressões “altamente provável” se mostraram muito próximas. Um teste t, para diferença de média entre as probabilidades atribuídas às duas citadas expressões apresentou um p-valor acima de 0,05 (que foi de 0,743), indicando que as médias dos dois grupos (ou seja, as médias das duas expressões) não são estatisticamente diferentes. Pode-se considerar então que se apresentaram muito próximas.

Em seguida, realizou-se a comparação de médias com base na ANOVA e no Teste Kruskal-Wallis, considerando-se como critério de seleção a área de interesse de atuação. Conforme explicado na metodologia deste estudo, foram oferecidas aos respondentes as seguintes opções: Auditoria; Tributária; Controladoria; Contabilidade Societária; ou Outra. Considerando-se um nível de significância de 0,05, não se pode rejeitar H_0 para as médias de probabilidade atribuídas a alguma das três expressões de incerteza analisadas (a Tabela com os resultados foi suprimida, em razão do espaço disponível), tanto pelo teste paramétrico quanto pelo teste não paramétrico. Por exemplo, para a expressão “Provável”, a diferença entre as médias atribuídas pelos grupos selecionados, apesar de serem visualmente diferentes (como Auditoria, com média de 63,781 e Tributária com média de 71,283), não são estatisticamente significativas ao nível de 5%, tanto pela ANOVA quanto pelo Teste Kruskal-Wallis. Esses resultados indicam que, para as três expressões analisadas, a interpretação da probabilidade atribuída às mesmas não varia significativamente entre os grupos, ou seja, os grupos parecem possuir interpretações similares sobre as expressões de incerteza, o que poderia resultar em decisões equivalentes para a contabilização dos eventos que dependem dessas expressões.

A próxima análise consistiu em utilizar como critério para segregação a familiaridade com os pronunciamentos emitidos pelo CPC, conforme descrito na metodologia deste trabalho. Alunos com maior familiaridade com os CPC's atribuem probabilidades diferentes de alunos com menor familiaridade? A Tabela 2, a seguir, apresenta fundamentos para responder a tal pergunta.

Tabela 2: Resultados, para o grupo: Familiaridade com os pronunciamentos do CPC

Expressão Analisada	Familiaridade com os Pronunciamentos	N	Média	Desv. Pad.	F	Sig. (F)	C.S.	d.f.	Sig. (C.S.)
Provável	Não Familiar	6	50,000	36,332	2,025	0,114	3,703	3	0,2954
	Pouco Familiar	71	67,872	20,590					
	Familiar	51	72,098	20,400					
	Muito Familiar	3	70,000	10,000					
	Total	131	68,747	21,488					
Altamente Provável 01	Não Familiar	6	62,500	33,429	4,238	0,007	5,738	3	0,1251
	Pouco Familiar	71	77,900	21,057					
	Familiar	50	86,500	12,638					
	Muito Familiar	3	90,333	9,609					
	Total	130	80,784	19,517					
Altamente Provável 02	Não Familiar	6	57,167	32,683	5,368	0,002	10,460	3	0,015
	Pouco Familiar	70	78,086	19,706					
	Familiar	49	86,488	14,991					
	Muito Familiar	3	88,000	9,849					
	Total	128	80,554	19,585					

Notas: F= estatística para a ANOVA; Sig. (F)= Significância para a estatística F, referente à ANOVA; C.S.= Chi-Square, estatística para o Teste Kruskal-Wallis; d.f.= graus de liberdade para a estatística de C.S., referente ao Teste Kruskal-Wallis; Sig. (C.S.)= Significância para a estatística C.S., referente ao Teste Kruskal-Wallis.

Conforme indica a Tabela 2, a probabilidade média atribuída por alunos que possuem diferentes níveis de familiaridade com os pronunciamentos do CPC não foi estatisticamente diferente para a expressão “provável”. Para a expressão “Altamente Provável”, no primeiro contexto apresentado, a diferença foi significativa pelo teste paramétrico, mas não significativa pelo outro teste. Contudo, a expressão “Altamente Provável”, apresentada no segundo contexto, apresentou diferentes probabilidades médias atribuídas pelos diferentes grupos analisados. Tal diferença foi significativa, ao nível de 5%, considerando-se o teste paramétrico e não paramétrico. É interessante observar que, quanto mais familiar o aluno se apresentou dos pronunciamentos do CPC, maiores foram as probabilidades de ocorrência atribuídas à expressão. Isso indica que poderiam ocorrer diferentes formas de contabilização, se o evento a ser contabilizado dependesse da interpretação da expressão analisada.

A Tabela 3 leva em consideração para análise a intensidade de utilização dos Pronunciamentos emitidos pelo CPC no cotidiano dos alunos. Em linha com os resultados obtidos para o critério de seleção “Familiaridade com os Pronunciamentos do CPC”, presentes na Tabela 2, a Tabela 3 indica que a expressão “Altamente Provável”, no segundo contexto de análise, apresentou probabilidades médias estatisticamente diferentes entre os respondentes segregados pela intensidade do uso dos pronunciamentos emitidos pelo CPC.

A Tabela 3 mostra também que, nessa nova análise, a expressão “Altamente Provável” apresentou probabilidades médias também para o primeiro contexto analisado, sendo tais diferenças estatisticamente significativas pelos dois testes realizados. Alunos que utilizam

frequentemente os pronunciamentos do CPC foram os que atribuíram maiores probabilidades de ocorrência às duas expressões. Na última análise realizada, levou-se em consideração o nível de aproveitamento apresentado na disciplina de contabilidade internacional, e os resultados estão presentes na Tabela 4, a seguir.

Tabela 3: Resultados, para o grupo: Intensidade de Utilização dos Pronunciamentos do CPC

Expressão Analisada	Intensidade do Uso dos Pronunciamentos	N	Média	Desv. Pad.	F	Sig. (F)	C.S.	d.f.	Sig. (C.S.)
Provável	Não Utilizo	55	64,709	23,576	1,931	0,149	2,947	2	0,229
	Às Vezes	60	70,282	20,345					
	Frequentemente	15	75,667	14,984					
	Total	130	68,545	21,446					
Altamente Provável 01	Não Utilizo	55	72,655	23,285	9,083	0,000	13,450	2	0,001
	Às Vezes	59	86,303	13,590					
	Frequentemente	15	87,733	13,879					
	Total	129	80,650	19,534					
Altamente Provável 02	Não Utilizo	53	71,509	23,649	10,921	0,000	15,086	2	0,001
	Às Vezes	59	86,456	13,171					
	Frequentemente	15	88,133	11,999					
	Total	127	80,417	19,601					

Notas: F= estatística para a ANOVA; Sig. (F)= Significância para a estatística F, referente à ANOVA; C.S.= Chi-Square, estatística para o Teste Kruskal-Wallis; d.f.= graus de liberdade para a estatística de C.S., referente ao Teste Kruskal-Wallis; Sig. (C.S.)= Significância para a estatística C.S., referente ao Teste Kruskal-Wallis.

Tabela 4: Resultados, para o grupo: Aproveitamento na Disciplina de Contab. Internacional

Expressão Analisada	Aproveitamento - discipl. Contab. Internacional	N	Média	Desv. Pad.	F	Sig. (F)	C.S.	d.f.	Sig. (C.S.)
Provável	Não Cursei	36	59,222	23,416	6,328	0,000	22,801	4	0,000
	Regular	26	63,419	22,724					
	Bom	35	70,371	17,464					
	Muito Bom	24	84,042	9,760					
	Ótimo	10	74,500	24,323					
	Total	131	68,747	21,488					
Altamente Provável 01	Não Cursei	35	69,057	22,048	6,028	0,000	18,847	4	0,001
	Regular	26	79,496	21,608					
	Bom	35	85,571	15,881					
	Muito Bom	24	89,625	11,477					
	Ótimo	10	87,200	12,426					
	Total	130	80,784	19,517					
Altamente Provável 02	Não Cursei	35	72,543	21,258	3,786	0,006	14,634	4	0,006
	Regular	26	76,231	21,597					
	Bom	34	85,056	19,141					
	Muito Bom	23	89,348	7,969					
	Ótimo	10	84,300	17,833					
	Total	128	80,554	19,585					

Notas: F= estatística para a ANOVA; Sig. (F)= Significância para a estatística F, referente à ANOVA; C.S.= Chi-Square, estatística para o Teste Kruskal-Wallis; d.f.= graus de liberdade para a estatística de C.S., referente ao Teste Kruskal-Wallis; Sig. (C.S.)= Significância para a estatística C.S., referente ao Teste Kruskal-Wallis.

O aproveitamento na disciplina de contabilidade internacional foi o critério de seleção que melhor segregou a interpretação das expressões e atribuição de probabilidades em grupos distintos, pois, conforme mostra a Tabela 4, para as três expressões e para os dois testes, as diferenças de probabilidades médias foram estatisticamente significativas entre os grupos criados, ao nível de 1% (para a expressão provável, a significância foi de 0,1%). As maiores probabilidades, para as três expressões, não foram necessariamente aquelas atribuídas pelos alunos que obtiveram o aproveitamento ótimo na citada disciplina. Contudo, as menores probabilidades foram aquelas atribuídas pelos alunos que não a cursaram.

Os resultados apresentados parecem indicar que alunos que não usam os pronunciamentos do CPC no seu cotidiano, que possuem pouca familiaridade com tais pronunciamentos e que não cursaram a disciplina de contabilidade internacional tenderam a apresentar menores probabilidades de ocorrência às três expressões de incerteza analisadas.

5. Considerações Finais

Este trabalho foi desenvolvido com o objetivo geral de analisar se as expressões de incerteza presentes nos Pronunciamentos Técnicos emitidos pelo CPC apresentariam diferentes formas de interpretação entre os diferentes tipos de usuários de tais pronunciamentos. Para tanto, foram analisadas duas expressões de incerteza: “provável” e “altamente provável”, sendo que esta última expressão foi analisada em dois contextos diferentes, ou seja, em duas partes diferentes dos pronunciamentos. Desta forma, no trabalho foi levado em conta o contexto no qual as expressões estavam presentes nos pronunciamentos para que os respondentes dos questionários atribuíssem a elas uma probabilidade de ocorrência, em percentual. O questionário utilizado no trabalho também contou com quatro variáveis para segregação dos respondentes, o que possibilitou a comparação das probabilidades médias atribuídas às expressões.

Os questionários foram aplicados a uma amostra contendo 135 alunos do 6º ao 10º período (semestral) de um curso de Ciências Contábeis de uma Universidade Pública situada em Minas Gerais. Os principais resultados mostraram que houve diferenças estatisticamente significativas entre as probabilidades médias atribuídas às expressões de incerteza. Por exemplo, quando a amostra foi segregada pelo aproveitamento apresentado na disciplina de contabilidade internacional, a probabilidade média atribuída às duas expressões, nos três contextos analisados, foi significativamente diferente ao nível de 1%, sendo tais resultados alinhados com estudos anteriores, como Chand (2011) e Davidson e Chrisman (1994), em que foram observadas diferenças significativas na interpretação de expressões de incerteza.

Tais resultados levam a pensar que os discentes poderiam tratar um mesmo evento de maneira diferente, pois a sua interpretação a respeito da probabilidade de ocorrência desses eventos, associada às expressões de incerteza, foi diferente. Essas diferenças de interpretação e contabilização podem impactar, inclusive, a comparabilidade dos relatórios contábeis elaborados por futuros contadores que cursaram contabilidade internacional na graduação em relação àqueles que não cursaram essa disciplina, apresentando assim um reflexo potencial no cumprimento do objetivo principal da contabilidade. Levando-se em conta que “o gerenciamento de resultados (*earnings management*) tem se tornado um dos principais temas na área de contabilidade e finanças nas últimas décadas” (SANTOS e PAULO, 2006, p. 15), vale apresentar uma inquietação que surgiu no decorrer da análise dos resultados: a existência das expressões de incerteza nas normas de contabilidade pode permitir a manipulação de resultados?

Além disso, os resultados dessa pesquisa apontam outros importantes questionamentos, principalmente para o dia a dia dos contadores, como: i) profissionais contadores que atuam no mercado e que não cursaram a disciplina de contabilidade internacional durante o seu curso de graduação apresentam diferentes níveis de julgamento em relação àqueles que cursaram a disciplina?; ii) sendo a expressão “provável” a mais frequente nas normas internacionais de contabilidade, conforme destacado por Teixeira e Silva (2009), tal circunstância, devido ao seu impacto nas demonstrações financeiras, pode afetar a comparabilidade das informações fornecidas aos usuários externos da contabilidade? e iii) como as informações sobre instrumentos financeiros seriam afetadas pelas diferenças na interpretação das expressões de incerteza presentes nos pronunciamentos do CPC?

As constatações apresentadas neste trabalho podem ser úteis também para os órgãos normatizadores brasileiros no aprimoramento ou na elaboração de normas de contabilidade alinhadas com as normas do IASB. Entende-se que dois limites estiveram relacionados com esta pesquisa, sendo o número de expressões de incerteza analisadas (apenas duas, em três contextos) e a amostra, que foi constituída com apenas uma Universidade brasileira. Contudo, a utilização de um número maior de expressões (por exemplo, as dez expressões mais frequentes nos pronunciamentos) poderia tornar o questionário muito cansativo para ser respondido, devido ao contexto necessário para cada uma das expressões.

Referências

- AGUIAR, A. B.; HIRANO, A. Os Impactos do *Fair Value* como Base de Valor para Instrumentos Financeiros Derivativos na Atual Estrutura da Contabilidade – Um Enfoque Normativo. In: XXVII ENANPAD, 2003, Atibaia, SP. **Anais...** Atibaia: ANPAD, 2003.
- ALMEIDA, M. D.; LEMES, S.; WEFFORT, E. F. J.; MALAQUIAS, R. F. Análise da percepção sobre expressões de incerteza presentes nas normas internacionais de contabilidade. **Revista UnB Contábil**, Brasília, v. 11, n. 1-2, p.240-259, jan./dez. 2008.
- ANDERSON, D. R., SWEENEY, D. J. e WILLIAMS, T. A. **Estatística Aplicada à Administração e Economia**. 2ª ed.. São Paulo: Cengage Learning, 2007.
- BACEN - Banco Central do Brasil. **Comunicado 14.259**, de 10 de março de 2006. Comunica procedimentos para a convergência das normas de contabilidade e auditoria aplicáveis às instituições... Disponível em <www.bcb.gov.br>. Acesso em 15 de outubro de 2008.
- BRASIL TELECOMUNICAÇÕES. **Form 20-F**. June 30, 2006 (period: December 31, 2005).
- CARVALHO, L. N. G.; LEMES, S.; COSTA, F. M. **Contabilidade Internacional: aplicação das IFRS 2005**. São Paulo: Atlas, 2006.
- CFC/FIPECAFI - Conselho Federal de Contabilidade e Fundação Instituto de Pesquisas Contábeis Atuariais e Financeiras, FEA/USP. A Nova Lei das S/A e a Internacionalização da contabilidade. Disponível em <<http://www.cfc.fipecafi.org/>>. Acesso em 15 de out. de 2008.
- CHAND, P. The Effect of Accounting Education and National Culture on Accounting Judgments: A Comparative Study of Anglo-Celtic and Chinese Culture. 2011. Disponível em: <www.ssrn.com>. Acesso em 31/05/2011.
- COSTA, F. M.; LOPES, A. B. Ajustes aos US-GAAP: estudo empírico sobre sua relevância para empresas brasileiras com ADR negociados na Bolsa de Nova Iorque. **Revista Contabilidade & Finanças**. Edição 30 Anos de Doutorado. p. 45-57. jul. 2007.

- CPC-38 – Pronunciamento Técnico CPC-38: Instrumentos Financeiros: Reconhecimento e Mensuração. Disponível em: <<http://www.cpc.org.br/>>. Aprovado em 02 de outubro de 2009.
- CPC-39 – Pronunciamento Técnico CPC-39: Instrumentos Financeiros: Apresentação. Disponível em: <<http://www.cpc.org.br/>>. Aprovado em 02 de outubro de 2009.
- CPC-40 – Pronunciamento Técnico CPC-40: Instrumentos Financeiros: Evidenciação. Disponível em: <<http://www.cpc.org.br/>>. Aprovado em 02 de outubro de 2009.
- CPC – Comitê de Pronunciamentos Contábeis. Home / Conheça o CPC / Criação e Objetivo. Disponível em: <<http://www.cpc.org.br/>>. Acesso em 30 de maio de 2011a.
- CPC – Comitê de Pronunciamentos Contábeis. Comunicado CPC nº 01 (Brasília, 27 de maio de 2011). Disponível em: <<http://www.cpc.org.br/>>. Acesso em 30 de maio de 2011b.
- CVM – Comissão de Valores Mobiliários. **Instrução nº 457, de 13 DE Julho de 2007**. Dispõe sobre a elaboração e divulgação das demonstrações financeiras consolidadas... Disponível em: <<http://www.cvm.gov.br/>>. Acesso em 01 de março de 2008.
- DARÓS, L. L.; BORBA, J. A.; ABREU, A. F. Evidenciação de instrumentos financeiros derivativos nas demonstrações contábeis: uma comparação entre as informações divulgadas no Brasil e nos Estados Unidos pelas empresas brasileiras emitentes de *American Depositary Receipts*... In: XXIX ENANPAD, 2005, Brasília - DF. **Anais...** Brasília: ANPAD, 2005.
- DAVIDSON, R. A.; CHRISMAN, H. H. Translations of uncertainty expressions in Canadian accounting and auditing standards. **Journal of International Accounting, Auditing & Taxation**, v. 3, n.2, p. 187-203, 1994.
- DOUPNIK, T. S.; RICCIO, E. L. The influence of conservatism and secrecy on the interpretation of verbal probability expressions in the Anglo and Latin cultural areas. **The International Journal of Accounting**, v. 41, n. 3, p. 237-261, 2006.
- DOUPNIK, T. S.; RICHTER, M. Interpretation of uncertainty expressions: a cross-national study. **Accounting, Organizations and Society**, v. 28, n. 1, p. 15-35, January, 2003.
- DU, N.; STEVENS, K. Numeric-to-Verbal Translation of Probability Expressions in SFAS 5. **Managerial Auditing Journal**, v. 26, n. 3, 2011.
- HARZER, J. H. As demonstrações contábeis sob a ótica das diferenças nos padrões internacionais de contabilidade. **AGATHOS - Assevim**, 2. ed., n.2, dez 2006.
- HAVERTY, J. L. Are IFRS and U.S. GAAP Converging? Some evidence from People's Republic of China companies listed on the New York Stock Exchange. **Journal of International Accounting, Auditing and Taxation**. v. 15. p. 48-71. 2006.
- HERNANDEZ, F. G. H. Derivatives and The FASB: visibility and transparency? **Critical Perspectives on Accounting**. vol. 14. p. 777-789. 2003.
- IASB – International Accounting Standards Board. About us / Frequently Asked Questions / How is The IASB Structured? / **IASB And The IASC Foundation, Who We Are And What We Do**. Disponível em: <www.iasb.org>. Acesso em 01 de março de 2008.
- IASB/CFC/CPC – **Memorando de Entendimentos** entre a Junta de Normas Internacionais de Contabilidade (IASB), o Conselho Federal de Contabilidade (CFC) e o Comitê de Pronunciamentos Contábeis (CPC). 28/01/2010.

IUDÍCIBUS, S.; MARTINS, E.; GELBCKE, E. R. **Manual de contabilidade das sociedades por ações:** aplicável às demais sociedades. 7. ed., 6. reimp. São Paulo: Atlas, 2007.

LAKSHMI, K. Foreign Institutional Investors and Firm Characteristics: a study of Indian firms. 2010. Disponível em: <www.ssrn.br>. Acesso em 19/05/2010.

LEMES, S.; CARVALHO, L. N. G. Comparabilidade Entre o Resultado em BR GAAP e US GAAP: evidências das companhias brasileiras listadas nas bolsas norte-americanas. **Revista Contabilidade & Finanças**, v. 20, n. 50, p. 25-45, maio/ago. 2009.

LEMES, S.; CARVALHO, L. N. G. Efeito da Convergência das Normas Contábeis Brasileiras para as Normas Internacionais do IASB. In: IV CONGRESSO USP DE CONTROLADORIA E CONTABILIDADE. **Anais Eletrônicos...** São Paulo: USP, 2004.

LEMES, S.; CARVALHO, L. N. G.; OLVIERA-LOPES, L. C. Comparabilidade entre os BR GAAP e os US GAAP: algumas evidências das companhias brasileiras listadas na NYSE. In: XXXI ENANPAD, 2007, Rio de Janeiro – RJ. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2007.

SALLEH, S. M.; GARDNER, J. C.; SULONG, Z.; MCGOWAN JR., C. B. The Interpretation of “In Context” Verbal Probability Expressions Used in International Accounting Standards... **New Orleans International Academic Conference**, New Orleans, Louisiana, USA, 2011.

SANTOS, E. S.; CIA, J. N. S.; CIA, J. C. US GAAP x Normas Brasileiras: há diferenças significativas no valor do lucro reportado pelas empresas brasileiras com ADR na NYSE? In: XXXI ENANPAD, 2007, Rio de Janeiro – RJ. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2007.

SANTOS, A.; PAULO, E. Diferimento das Perdas Cambiais como Instrumento de Gerenciamento de Resultados. **Brazilian Business Review**, v. 3, n. 1, jan./jun. 2006.

SCHULTZ, J. J.; RECHERS, P. M. J. The Impact of Group Processing on Selected Audit Disclosure Decisions. **Journal of Accounting Research**, v. 19, n. 2, p. 482-501, 1981.

SUSEP – Superintendência de Seguros Privados. **Circular SUSEP nº 357**, de 26 de dezembro de 2007. Dispõe sobre o processo de convergência às normas internacionais de contabilidade. Disponível em <www.susep.gov.br>. Acesso em 15 de outubro de 2008.

TEIXEIRA, C. SILVA, A. F. The Interpretation of Verbal Probability Expressions Used in the IAS/IFRS: Some Portuguese Evidence. **Revista de Estudos Politécnicos**, v. VII, p. 57-73, n.12, ago 2009.

VALOR ON-LINE. **CVM rejeita acerto com KPMG no caso da Sadia**. (04/02/2011). Disponível em <www.valoronline.com.br>. Acesso em 16 fev. 2011a.

VALOR ON-LINE. **Lucro da Metlife cai no trimestre com perdas em derivativos**. (09/02/2011). Disponível em <www.valoronline.com.br>. Acesso em 16 fev. 2011b.

WEBSTER, A. L. **Estatística Aplicada à Administração e Economia**. São Paulo: McGraw-Hill, 2006.

YOUNG, D.; GUENTHER, D. A. Financial Reporting Environments and International Capital Mobility. **Journal of Accounting Research**, v. 41, n. 3, p. 553-579, Jun. 2003.